

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Helena Simão

ENTREVISTA

CARLOS JOSÉ GONÇALVES VIEIRA DE MATOS nasceu em Odiáxere, em 1952.

Licenciou-se em Educação Física. Foi professor, tendo outras ocupações complementares.

Em 25 de Abril de 1974, Carlos José Gonçalves Vieira de Matos vivia em Lisboa, onde estudava.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000021

Título: Entrevista a Carlos José Gonçalves Vieira de Matos

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:52:00

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Data: 16/01/2024

Local: Instalações da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Helena Simão

Transcrição: Mário Lino

Revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 28/04/2024.

Registo relacionado com: PT/ML/AML/C/3/35/000046



ML MUSEU
DE LAGOS

Patrícia de Jesus Palma (PJP): *Senhor Carlos Matos, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar: o senhor estava em Lagos quando acontece o 25 de Abril?*

Carlos José Gonçalves Vieira de Matos (CJGVM): Estava em Lisboa, a estudar na Universidade.

PJP: *Já agora, em que Universidade?*

CJGVM: Na altura, estava no INEF: Instituto Nacional de Educação Física.

PJP: *como é que recorda a notícia desse dia?*

CJGVM: Recordo muito bem. Na altura, estava alojado em Algés, numa transversal à Avenida dos Combatentes. Por volta das sete da manhã, a senhoria bate-me à porta do quarto... E, num tom excitado, informa-me que alguma coisa estava a acontecer em Lisboa... Havia umas informações na rádio... Algo preocupante acontecera, deveria ter cuidado.

Saí de casa, estava programada uma aula de Natação no Algés e Dafundo, às oito da manhã, quando passo pela Avenida dos Combatentes, ouço na rádio, numa barbearia que já estava aberta, o Joaquim Furtado informando os cidadãos de que deveriam ficar em casa e que não deveriam sair. Entretanto, dirigi-me para a aula que estava programada, encontrei os meus colegas e os professores ansiosos e decidimos ir para a escola, para a Cruz Quebrada. A partir daí, com mais três companheiros, um deles tinha carro, fomos para Lisboa imediatamente.

PJP: *Não obedecendo à indicação de ficar em casa...*

CJGVM: Exatamente. E a nossa primeira paragem foi junto ao Quelhas, na altura, onde funcionava a Emissora Nacional. Muito perto também da Faculdade de Económicas, I.S.E., que era uma escola ativa de contestação ao Regime. Passámos em frente à porta da Emissora, tudo calmo, não se via movimento na rua. Mas, pelos vistos, depois tive conhecimento, que havia alguns militares no interior da rádio. Dalí, começámos a interrogar-nos sobre se teria alguma veracidade as notícias que estavam a ser transmitidas. Seguindo um pressentimento, dirigimo-nos para o Rossio. Estacionámos o carro algures, avançámos para a Praça do Comércio. Então, assistimos a tudo aquilo que depois se vem passando nos filmes, na informação, na comunicação... A Corveta que

estava no Tejo, os avisos dos militares, dizendo para sairmos porque a qualquer momento poderia haver um bombardeamento, visto que na Praça do Comércio havia vários carros blindados... E, ao longe, assisti àquela troca de comunicação, na rua do Arsenal, entre o Salgueiro Maia – na altura, não sabia quem era o Salgueiro Maia – com o brigadeiro que comandava uma coluna de carros de combate afeta ao regime. Foi um encontro decisivo. Salgueiro Maia, grande coragem demonstrou nesse dia, em particular nesse encontro, em que esteve em risco de ser abatido às ordens do brigadeiro. A vitória do 25 de Abril começou nesse complicado confronto. Essas foram as primeiras impressões ao vivo, com umas correrias para um lado e para o outro, com receio, de facto, que houvesse algum bombardeamento na Praça.

As tropas de Salgueiro Maia dirigiram-se para o Chiado e lá fomos nós. O Carmo e parte do Chiado estava rodeado por guardas da G.N.R. Recordo que tinham um capacete em ferro e uma viseira. A Guarda Republicana usava umas espingardas *Mausers* e estavam montadas com baioneta. Era de facto um pouco...

PJP: Ameaçador?

CJGVM: ... Ameaçador, sim, bastante ameaçador. E compreende-se, porque, de facto, o Regime estava a desmoronar, mas não tinha ainda caído. Entretanto, no Carmo, assisti a todas as operações que são conhecidas. Uma vez, dizia-se que o Carmo ia ser bombardeado por aviões e as pessoas corriam para dentro das casas. Entretanto, os minutos, as horas vão passando até que assisto aos disparos de um carro militar para a frontaria do Quartel do Carmo, onde estavam refugiados o presidente do Conselho, o Professor Marcelo Caetano, o Ministro do Interior, Moreira Batista. Gonçalo Rapazote que antecedeu no cargo Moreira Batista, como ministro do Interior, a que se juntava o capitão Maltez da P.S.P. e a PIDE/DGS eram profundamente odiados pelo movimento estudantil. Os acontecimentos sucediam-se: o Dr. Sousa Tavares, um opositor ao regime, sobe para uma guarita e de megafone na mão presta informações sobre o que se estava a viver.

A praça do Carmo cheia de gente, uns em cima de árvores, de cabines telefónicas, nas sacadas dos prédios, enquanto isso, íamos trocando impressões com amigos, sobre o que estava a acontecer. Uns mais eufóricos, outros mais cautelosos sobre se aquilo seria realmente um golpe que traria a democracia ou se seria apenas uma nova roupagem a travestir o regime... Chega num carro militar, chaimite, o General Spínola para receber o poder. Carro esse que levaria os ministros para o quartel da Pontinha, posteriormente, aeroporto e depois Madeira e Brasil.

PJP: *Havia essa dúvida, essa possibilidade?*

CJGVM: Havia essa dúvida e preocupação. Aquele movimento militar resultaria em algo que nos trouxesse a liberdade? E a questão da guerra colonial? A guerra colonial na altura era também um polo aglutinador de pessoas contra o regime, em diferentes sectores da sociedade. Lisboa, Porto, Coimbra, Setúbal e outras grandes cidades sentia-se um clima de contestação mais ativa, outra coisa eram cidades pequenas ou vilas e, portanto, notava-se uma grande diferença de opiniões e de cultura, neste sentido de cultura política. Portimão onde vivia, percebia-se que havia muito cuidado em falar, embora também se percebesse que havia pessoas que tinham uma opinião contra o regime. Eu recordo-me que, em Portimão, no Clube Boa Esperança, houve várias conferências, várias iniciativas, com um ténue cunho político, nomeadamente exposição de livros dos Seareiros, a passagem de filmes do *Eisenstein*, teatro de revista com alguma sátira. O Dr. Campos Lima, o Dr. Luís Catarino, entre outros, animavam alguns encontros.

PJP: *Algumas iniciativas, que já denotavam...*

CJGVM: Iniciativas havia, naturalmente, com reduzida expressão atendendo à perseguição da polícia política, DGS. Recordo um comício na campanha eleitoral para as legislativas de 1973, no cinema de Portimão, muito participado e também vigiado pela polícia política.

PJP: *E em Lisboa, no dia, quando é que começa a sentir que as coisas se esclarecem?*

CJGVM: Olhe, nesse dia, mais para o fim da tarde há um acontecimento muito trágico, de que pouco se fala. Uma manifestação dirigiu-se em direção da sede da PIDE/DGS, na Rua António Maria Cardoso. Essas pessoas iam-se manifestando com *slogans* pela liberdade, pelo fim da guerra... Um agente da PIDE sai do edifício com uma pistola-metralhadora e começa a disparar sobre a manifestação. Morreram quatro pessoas e muitas feridas. Muito triste.

PJP: *E como é que se lembra de gerir, ou não gerir, todas as emoções e informações dos dias seguintes?*

CJGVM: Nesse dia, o que me recordo assim mais vincadamente foi esse tiroteio, ter pessoas conhecidas e algumas amigas que foram atingidas. Não foi fácil.

A polícia política estava à solta. Nessa noite, um grupo de operações dos fuzileiros ocuparam as instalações da PIDE na Rua António Maria Cardoso.

Os dias que se seguiram foram dias de rua, de festa, de comemoração, que culminaram depois no Primeiro de Maio. Foi um Primeiro de Maio avassalador, toda a gente a comemorar a mudança do regime, não se sabendo muito bem o que é que isso poderia significar, o que é que o futuro nos reservava. Mas, depois, começaram a tomar a palavra vários dirigentes políticos, alguns deles já conhecidos, outros menos conhecidos. Chegaram muitos exilados, Mário Soares, Jorge Campinos, Tito Morais, Manuel Alegre, Álvaro Cunhal e outros que assumiram responsabilidades no regime democrático. Do grupo da ala liberal, integrado no partido único, Acção Nacional Popular, nas eleições de 1969 surgem figuras como Sá Carneiro, Francisco Balsemão, Magalhães Mota, Miller Guerra, Mota Amaral. Havia jornais na altura que assumiam uma linha oposta ao regime, pese os cortes da censura, os diários: *Diário de Lisboa* e o *República* e os semanários *Expresso*, *O Comércio do Funchal*, *Jornal do Fundão*, *Notícias da Amadora*. Há outro acontecimento, também em fevereiro de 1974, que é o lançamento do livro do General António Spínola, *Portugal e o Futuro*. Esse livro foi uma janela de ar fresco que se abriu. Na sequência da manifestação de apoio, de 14 março de 1974, a Marcelo Caetano, “brigada do reumático”, o general Costa Gomes, chefe de Estado-Maior do Exército, e o general Spínola, vice-chefe de Estado-Maior do Exército, foram demitidos. Dois dias depois, 18 de março, acontece o golpe das Caldas, ensaio para o 25 de Abril.

O general Spínola, governador militar na Guiné, manifestou reservas sobre a sorte da guerra da Guiné ao primeiro-ministro, ao professor Marcelo Caetano. A guerra na Guiné estava a caminho do desastre. O movimento dos capitães sente que o regime não tinha qualquer saída, estava bloqueado e faz com que os capitães se sintam ainda mais determinados a preparar o que viria a acontecer no dia 25 de Abril. Um grupo de católicos juntam-se para refletir sobre a guerra colonial na Capela do Rato em 1972. Os católicos na sua pluralidade: juventude universitária, juventude operária, os católicos progressistas no Centro Nacional de Cultura, na revista *O Tempo e o Modo*. Esses movimentos ganharam dimensão na oposição ao regime. A manifestação desses católicos na Capela do Rato foi um rude golpe para aquela ideia propagada pelo regime de que tudo estava em ordem, de que toda a gente estava satisfeita. E logo a igreja, a maior aliada do regime, a fazer uma manifestação de agravo contra a guerra. Foi um raio de luz na noite escura.

PJP: *E o Carlos começa a participar no movimento estudantil assim que ingressa na faculdade?*

CJGVM: Sim, eu vou para Lisboa em 71 e, logo a partir dessa altura, passo a ser um estudante ativo, na oposição ao regime.

PJP: *E onde é que faz a sua escolaridade inicial?*

CJGVM: Faço o Liceu em Portimão. Tinha colegas e amigos que eram estudantes universitários, trocávamos impressões. Eu ouvia-os com grande prazer, muito interessado:

“– Então, como é que está o Técnico? Como é que está Direito? E Letras? Houve cargas policiais na Cidade Universitária? Presos?”

Havia essa troca de informação. Sentia que as coisas estavam bloqueadas. A minha grande preocupação também já era a guerra colonial.

PJP: *Esse horizonte de poder ir para a guerra...*

CJGVM: Exatamente.

PJP: *E começou, através dessas conversas que tinha com os colegas que estudavam em Lisboa, a perceber que podia haver alguma mudança?*

CJGVM: Sim, que tínhamos que fazer alguma coisa.

PJP: *E quando vai para Lisboa, vai com esse ímpeto?*

CJGVM: Sim, vou estimulado para participar e tentar fazer qualquer coisa.

PJP: *E quando chega lá, isso é fácil?*

CJGVM: Não, não foi fácil. Havia constantemente polícia de choque na rua. “Gorilas” ou vigilantes, em algumas escolas universitárias. E, portanto, toda aquela zona da Cidade Universitária, onde estava Medicina, Direito, Letras, ISTE, Farmácia... A Cantina Universitária era uma colmeia de contestação ao regime, contestação à guerra colonial, luta pela liberdade, pela paz, pela democracia. Cada vez mais difícil ao regime controlar essa vaga de opiniões e anseios. A guerra do Vietname trouxe já muita cultura antiguerra. O Maio de 68 também trouxe outras ideias, embora fosse muito condicionada, a informação ia circulando. E depois aquela questão do Wiriyamu, em Moçambique, aquela mortandade que foi denunciada pelos padres ingleses, em que as tropas entraram e dizimaram uma aldeia, tudo isso ia fazendo opinião... A situação da Guiné... O assassinato de Amílcar Cabral, a declaração de Independência do PAIGC, em setembro de 1973. Portanto, havia muita informação e até as cantinas estavam cheias de informação com cartazes, música, *meetings*... E, nos *meetings*, já não se falava só do ambiente persecutório nas faculdades, falava-se da guerra colonial, da falta de liberdade, da censura, da repressão e dos presos políticos.

PJP: *Para além das cantinas, quais os principais pontos de reunião? Recordar-se?*

CJGVM: Dentro do movimento estudantil, a circulação da informação, a discussão era muito importante, as Associações de Estudantes, algumas encerradas pelo Governo, as Comissões de Curso, o Cineclube Universitário, todos procuravam furar o torniquete imposto pelo regime opressivo. O Cineclube fazia a projeção do filme nos cinemas: Império, Paris, Jardim... Nas sessões de cinema havia um folheto a comentar o filme e seguia-se o debate. Os grupos de teatro independentes também davam o seu contributo para a resistência.

PJP: *Dentro dos condicionalismos todos...*

CJGVM: Sim, o maior deles era a polícia política. Prisões, tortura, isolamento, expulsão da Universidade, essa repressão levou a que no dia 12 de outubro de 1972, o Ribeiro Santos fosse assassinado. Foi num *meeting* em Económicas, onde se discutia a repressão. Ribeiro Santos é morto e o José Lamego igualmente atingido por um agente da PIDE. Havia uma reunião de estudantes, em que se tomava posição sobre a repressão, sobre a guerra e um agente da PIDE, depois de denunciado, saca da pistola e disparou à queima roupa. Na prisão de Caxias estavam presos muitos resistentes, nomeadamente, estudantes.

PJP: *Então, depois, quando é que regressa ao Algarve? Termina os estudos nessa altura? Já estava a terminar?*

CJGVM: Terminei os estudos em 1977 e começo a trabalhar, venho para o Algarve.

PJP: *Em 77. Portanto, todo aquele período entre 74 e 77 passa-o em Lisboa?*

CJGVM: Sim, entre Lisboa e Portimão.

PJP: *Com movimentações?*

CJGVM: Movimentações de carácter desportivo e cultural.

PJP: *Já agora, porque é um período crítico, em 75, 76, anda em participação ativa?*

CJGVM: Mais como observador atento.

PJP: *Alguma memória especial dessa altura das eleições, das primeiras eleições livres?*

CJGVM: Primeiras eleições para a Constituinte pela entusiástica participação popular, filas enormes de pessoas logo pela manhã para votar. Recordo bem o comício da Fonte Luminosa e a atitude frontal de Mário Soares. A candidatura do general Ramalho Eanes, em que estive presente. É claro, também tenho memória das outras eleições. Há um

debate que ficou célebre, entre o Dr. Cunhal e o Dr. Soares, o debate entre o Dr. Soares e o Dr. Salgado Zenha, o debate entre o Dr. Soares e o Dr. Freitas do Amaral... Foram momentos muito interessantes que marcam a história. Isso é de registar, claro está.

***PJP:** A partir de 75, começam a surgir os diversos partidos políticos. Tem participação política partidária logo a partir daí ou prefere ficar fora?*

CJGVM: Em 5 de Outubro de 1975 interrompi a participação ativa na política.

***PJP:** Em 75, o que é que o mobiliza para vir para o Algarve?*

CJGVM: Fiz parte de um movimento político. Em outubro de 75, quebrei essa ligação. Era um movimento muito desfocado da realidade.

***PJP:** Mas, na altura, era preciso também experimentar?*

CJGVM: Vinha do tempo da Universidade e aquilo foi um contínuo. Havia muitas relações pessoais de amizade e as amizades cimentavam esse envolvimento. Olho para trás com espírito crítico. Nessa altura, aconteceram incidentes que estavam no oposto da minha maneira de pensar: ocupações, perseguições, barragens. Decidi dar outro rumo à vida.

***PJP:** E, então, em 75 vem para o Algarve?*

CJGVM: Em 75 venho ao Algarve fazer trabalho político que termina a 5 de Outubro. A seguir dá-se o 25 de Novembro. Foi um alívio o 25 de Novembro.

***PJP:** Nessa altura, regressa a Lisboa?*

CJGVM: Retomo aos meus estudos em Lisboa.

***PJP:** Que concluiu?*

CJGVM: Início a atividade profissional em outubro de 77. Concluo o estágio em 78.

***PJP:** E o que é que o faz regressar ao Algarve?*

CJGVM: A minha família estava cá.

***PJP:** Sobretudo pela razão familiar?*

CJGVM: Sim.

***PJP:** E quando vem para o Algarve começa logo a dar aulas?*

CJGVM: Sim, comecei como professor em Lagoa.

PJP: *Como é que encontra a escola? Como é que vê a escola que também desejava construir, certamente?*

CJGVM: Via a escola com muita tranquilidade, empenho e responsabilidade. Porque um homem até aos 20 anos pensa que não morre, depois pensa que é o salvador do mundo e, depois, a partir de uma determinada altura, começa a pensar mais na família.

PJP: *E vem para Portimão, para Lagos?*

CJGVM: Nessa altura, para Portimão, embora seja natural de Odiáxere e tenha estudado em Lagos. Venho para Portimão e passados quatro ou cinco anos venho viver para Lagos.

PJP: *E como é que num sítio e noutro é a vida na escola?*

CJGVM: A vida na escola... Eu gostei de ser professor.

PJP: *E os movimentos da escola, discussões, sindicatos?*

CJGVM: Passava um bocado por cima disso. Nunca me sindicalizei. O meu olhar era moderado. Tentava ver as coisas de maneira mais tranquila, mais equilibrada. Respeitando as dificuldades de todos, quer dos professores, quer dos alunos, quer de quem dirigia. Tinha consciência que éramos um país pobre, atrasado a passar por crises bastante complicadas. Daí, os pedidos de ajuda ao F.M.I. O país era um país de recursos escassos.

PJP: *E quando vem para Lagos, que cidade é que encontra, aí já nos anos 80?*

CJGVM: Regresso em 1983.

PJP: *Que cidade é que encontra no início dos anos 80?*

CJGVM: Olhe, eu gostava muito de Portimão. Às vezes, lembro-me de um filme de Fellini, *Roma Cidade Aberta*. Para mim, Portimão era uma cidade aberta, uma cidade liberal. Lagos, pelo contrário, era uma cidade fechada, com um peso social bastante mais forte, mais acentuado. Uma cidade mais pequena. Uma cidade muito influenciada pela cultura militar que sempre existiu aqui em Lagos nos tempos passados. E, portanto, houve aqui um tempo de adaptação, fui-me adaptando. Lagos hoje está mais cosmopolita.

PJP: *Quando chega, integra-se em movimentações? No movimento associativo?*

CJGVM: Não logo. Quando vim para cá, tinha responsabilidades: tinha dois filhos, construído a casa de família e, portanto, a minha preocupação era trabalho. Nessa altura,

estava focado na minha vida profissional e pessoal. Novos desafios, novos amigos, reencontro de velhos companheiros.

PJP: *E lembra-se de alguma coisa em especial desse período?*

CJGVM: Uma altura, por volta de finais dos anos 80, com um grupo de amigos fomos jogar futebol à Holanda. A cerveja holandesa, muito apreciada, baixou os índices físicos dos meus jogadores, mas os nossos amigos holandeses ficaram surpresos com a nossa garra. Estivemos em Amsterdão, na semana após o patrão da Heineken ter sido raptado – fomos visitar o Museu da Heineken em Amsterdão. Ninguém sabia de nada, os funcionários atendiam-nos como se nada se passasse. Há um filme sobre o rapto.

PJP: *Isso no âmbito de um clube?*

CJGVM: Um grupo de amigos fazia umas futeboladas. O Hans, holandês, jogava na equipa, dono do bar Moira. Surgiu a ideia ir a Lith, uma pequena localidade, conviver e jogar contra umas equipas de lá. Fomos para a Holanda.

Noutro âmbito da experiência profissional, eu e a professora Antónia Mariano – professora também de educação física, muito conhecida aqui em Lagos – fomos participar na Gimnaestrada (Encontro Internacional de Ginástica Amadora) na Dinamarca, também por volta de meados dos anos 80.

PJP: *Para terminarmos esta conversa, gostava de lhe perguntar se tem, dessa altura mais recuada, entre 74 e 76, ou da época estudantil, algum documento ou algum objeto que lhe seja especialmente significativo, que estivesse em condições de partilhar publicamente e que nós possamos fotografar ou digitalizar?*

CJGVM: Tinha uma grande coleção da [revista] *Tempo e Modo*, com coisas maravilhosas do Bénard da Costa, do Nuno Júdice. Quando mudei de casa de Portimão para Lagos, perderam-se.

PJP: *Então, e o livro *Portugal e o Futuro*, tem?*

CJGVM: Tenho dois. Comprei um numa feira de antiguidades em Lagos, o outro num alfarrabista. É muito interessante. O livro, diz-se, teve o contributo na altura de pessoas ligadas à SEDES, onde pontuavam homens como o João Salgueiro, Rui Vilar e outros que se destacariam na política nacional. O livro *Portugal e o Futuro* é muito interessante e atual, é um bom campo de estudo para ajudar a entender os últimos quarenta anos do século vinte.

PJP: *Ficamos-lhe muito gratos.*¹

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Carlos José Gonçalves Vieira de Matos*. 2023-09-29. 10 p. Acessível, com a ref.^a PT/ML/AML/C/3/35/000021, em <https://abrir.link/pfXRY>.

¹ A fotografia dos elementos pré-textuais do livro *Portugal e o Futuro* corresponde ao documento desta coleção com a referência PT/ML/AML/C/3/35/000046.